

# Adio kerida

Há línguas que são pátrias. O ladino é casa. Em vias de extinção como uma língua cotidiana, há quem continue a querer fazer do ladino casa. Não é preciso falar. Pode-se cantar. Como Yasmin Levy.

O ladino está a morrer; o ladino está na moda. Não há aqui nenhum engano. É mesmo assim. É uma língua que se põe e que nasce.

Um dia, o espanhol Miguel Ángel Nieto perdeu-se em Jerusalém. Acreditou-se de uma senhora idosa e pediu-lhe que lhe indicasse o caminho. Nieto contou numa entrevista a uma revista digital que a mulher falou-lhe no que lhe soou a um castelhano “esquisito”: “Você é de Sefarad, não é?” Nieto sabia que em hebreu se chamava Sefarad a Espanha, e respondeu-lhe: “Sim, sou de Sefarad. Você também?” A senhora disse-lhe: “Eu não, mas os meus antepassados sim.” Nieto perseguiu aquela língua que soava a castelhano sem o ser. Mais de dez anos depois, faria um documentário: “El Último Sefardí” (2003). Aquela senhora do castelhano esquisto era uma última sefardita. A última a trazer aquela língua nos lábios como se fosse pele e não “bâton” que se põe e tira. A última de uma geração embalada ao som do ladino, para quem o ladino é o dia-a-dia. Uma geração que está a morrer e que enterrará consigo uma língua que sobreviveu mais de 500 anos, desde que os judeus espanhóis foram expulsos pelos Reis Católicos, Fernando e Isabel, em 1492.

Um dia, a israelita Yasmin Levy estava em Sevilha. Calhou a escola para onde foi estudar flamenco ficar no bairro da Judería. Estava escrito que tinha que passar pela rua mesmo por trás da escola e descobrir que aquela rua se chamava como ela: Levy. A vida

de Yasmin Levy é feita de acasos e é por isso que não acredita neles. Sonhos são outra coisa. Antes de ser cantora, sonhou ser veterinária. E depois de ser cantora, sonhou rebelar-se contra a sua própria história. Os sonhos podem ser desfeitos. O destino não. O ladino de Yasmin Levy é um “bâton”, mas cor do sangue que lhe corre nas veias. Não fala ladino todos os dias, mas cada vez que canta é como pôr uma maquilhagem que a mostra na sua maior beleza. Yasmin Levy não fala ladino, porque o pai, Isaac Levy, morreu quando tinha um ano. De herança deixou-lhe horas e horas de fita com canções tradicionais cantadas pelas casas fora de comunidades sefarditas de toda a parte: por exemplo, da Turquia, como ele. Naquela rua Yasmim percebeu que tinha que acarinhar todas aquelas horas de gravação. Acabamos sempre como os nossos pais. Isaac Levy dedicou a sua vida à preservação da música em ladino.

O segundo álbum de Yasmin Levy chama-se “La Judería” e nele Yasmin traz o ladino de onde ele partiu para se criar: Espanha. Gosta de pensar nisso como numa espécie de reconciliação musical, mas em Israel poucos concordariam. Acham que o ladino é para ser cantado como deve ser, ou seja, como sempre o foi.

Parar é morrer. Yasmin faz o ladino viajar, como é de sua natureza. Se alguém fizesse um documentário sobre Yasmin Levy, talvez pudesse dar-lhe o título de “a primeira sefardita”. A primeira de uma nova geração com quem o ladino renasce.

Um dia, Mor Karbasi, ouviu cantar em ladino e apaixonou-se. Pode ter sido porque o “sangue não esquece”, como lhe diz o avô, e Mor Karbasi, 20 anos,

israelita de ascendência marroquina, acredita que os antepassados falavam ladino. Mas também pode ter sido porque o pop não faz chorar.

É meio da tarde, ainda há luz de dia, em Trafalgar Square, Londres, onde se montou um palco para as comemorações dos 350 anos da readmissão dos judeus em Inglaterra. Mor Karbasi não precisa da noite. A noite tem-na na voz, quando canta uma canção sua, original, em ladino, dedicada aos judeus que morreram no Holocausto, sobretudo às comunidades sefarditas. “Judía”, o sentimento conjurado é mais escuro que a noite, “Judía”, a voz magoa, porque penetra na pele e eriça-a por dentro, “Será tu nombre.”

A minha língua é a minha pátria. Os olhos de Yasmin arregalam-se como acontece quando algo a penetra para ficar. “Uau, uau!”, repete. E deixa passar aquele compasso de silêncio que se reserva para descobertas.

O álbum “La Judería” abre não com uma canção em ladino, mas cigana: “Nací en Álamo”. E nos primeiros versos há o sentimento de estar em movimento que podia ser ladino: “No tengo lugar / Y no tengo paisaje / Yo menos tengo patria...”

O ladino é a língua sem pátria, que foi absorvendo como uma esponja relutante pedaços das pátrias por onde os judeus espanhóis se espalharam. Os que foram para este: Balcãs, Turquia... Os que foram para o Norte de África. A pátria do ladino não existe há 500 anos. Não é Espanha. É qualquer coisa que se perdeu: uma Sefarad onde coexistiam judeus, muçulmanos e →

→ acendia-se a terceira vela das nove do Hanukah numa cerimônia organizada pela Associação Ladina, que pretende chamar a atenção para a herança judaica portuguesa.

“Sim, sou Louis Lopes Dias”, atendem do outro lado. É impossível evitar uma breve hesitação. Apenas um segundo. Apenas o suficiente para estranhar que alguém pronuncie o próprio nome com o sotaque errado: “Loupéss Diáss.”

Louis Lopes Dias abre as portas de casa, nos subúrbios de Londres, e do seu escritório profusamente decorado com retratos de família. Abre a secretária e senta-se. Abre livros e dossiers recheados. Abre, resumindo, o baú. É um gesto de extraordinária generosidade. Louis Lopes Dias partilha a forma com que preenche o vazio da reforma. Espalhando folhas A4 até formarem uma árvore horizontal de modo a que caibam muitos nomes. Folheando os registos da sinagoga de Bevis Marks, onde o nome Lopes Dias está sempre a saltar à vista.

Tudo isto é mais do que um “hobby”. É conhecer-se a si próprio. Nunca se sabe tudo e nunca se sabe que maravilhas se podem descobrir, enquanto se escava para trás para reconstruir a história da família. Talvez os contos de fadas, como lhes chama, se tornem realidade. Quem sabe, um dia prova a ligação ao Lopes famoso que financiou a chegada ao trono inglês de Guilherme de Orange da Holanda.

Louis Lopes Dias gosta de contar histórias. Esta podia chamar-se “o médico de Goa”: “Um dia o meu filho estava doente e chamámos o médico. O médico perguntou-lhe o nome para preencher a ficha. ‘Daniel Dias’, respondeu o meu filho. ‘Eu também me chamo Daniel Dias’, disse o médico.”

O que é um nome? Uma relação com um passado. Lopes Dias abre uma prenda muito querida, um livro-álbum com

a história dos sefarditas. No capítulo “Portugal”: “crianças eram tiradas dos pais e distribuídas por famílias católicas”; “alguns judeus mataram os próprios filhos para não os baptizar”; “foram salpicados com água benta em massa e declarados cristãos, quer quisessem quer não”.

Um nome é partilha. “Ainda provoca feridas nos nossos corpos, o pensamento do que aconteceu aos judeus em Portugal e em Espanha”, confessa suavemente, mas com firmeza Louis Lopes Dias. Continua a haver uma oração para os judeus perseguidos pela Inquisição, e é uma das poucas situações em que ainda se utiliza a língua portuguesa nos serviços em Bevis Marks.

Ter o nome que tem é saber que faz parte dessa história. É saber que se foi um “cristão novo”, um “converso”, um “marrano”; e em hebreu um “anusim”, o forçado. Ter o nome que tem é também motivo de orgulho. De ter mantido uma tradição contra todas as expectativas. O nome, para Louis Lopes Dias, é saber — quando pensa bem — que Portugal, de alguma forma, é uma terra, é quase casa.

**A** porta do elevador abre-se e imediatamente reconhece-se Frank Martin. Tem altura de português, tom de pele de português, uma simplicidade e simpatia de português. E quem diz português diz espanhol. Quando está, quer num país, quer no outro, as pessoas abordam-no na rua. Falam-lhe como se fala a um homem dali: “Olhe, desculpe, como é que se vai para...” Mas Frank Martin não é dali. Tem que esclarecer: não, não sou português. Talvez não seja só a aparência. Será também a atitude, um certo à-vontade, que faz com que as pessoas se aproximem. A verdade é que, quando vai a Portugal ou Espanha, Frank Martin se sente em casa.

**Ter o nome que tem é saber que faz parte dessa história. É saber que se foi um “cristão novo”, um “marrano”**

→ católicos. Por alguma razão, Sefarad é uma palavra com sonoridade de mito.

“Onde está a chave que estava na gaveta?”, pergunta um poema de 1984 de Flory Jogada, uma das figuras mais importantes do ladino, “Os meus antepassados trouxeram-na com muito amor. / Deram-na aos netos para que / a guardassem na gaveta. / Sonhos de Espanha.”

Há esse mito das chaves que os sefarditas levaram consigo. A haver uma chave, essa chave é o ladino. O ladino abre a porta de casa. O ladino talvez não seja pátria, mas é casa, é intimidade. É por isso que nos concertos de Yasmin parece que alguém abriu uma porta de par em par. “Bem-vindos”, diz — é assim que explica o sentimento que quer transmitir nas “performances”. “Bem-vindo a minha casa, ao meu pátio.” Nesta casa, canta como quem fala com o pai ou com a avó, que falavam ladino. Neste pátio, o céu está sempre estrelado, está sempre uma noite que não apetece que acabe, uma noite propícia para contar histórias. Yasmin espera sempre por esse compasso de silêncio que acomoda as emoções. As suas canções pedem essa pausa. Espera que não haja nenhum resquício de eco na igreja de Union Chapel, em Londres. E entra na canção seguinte. Entra sempre com uma história. Sem a história, explica, seria “apenas uma canção bonita”.

Para uma mulher era uma vergonha cantar em público. As mães cantavam em casa, enquanto cozinhavam. As filhas escutavam. Aprendiam. Yasmin explica tudo numa voz muito suave, com ritmo de quem está à lareira. Sentada, segura uma panela entre as pernas. Os músicos por detrás dela nem se mexem. Não há instrumentos, não há microfone. Só a voz dela e aquele ritmo metálico.

O dito de que a paixão se transforma em amor morre em Yasmin Levy. “Vem daqui”, e mostra a palma da mão esticada contra a barriga. Vem do ventre. É dali que nasce. E é por isso que a música é indissociável da vida. Confessa que canta, quando está no duche, que canta todo o tempo. O marido toca com ela. A música é vida, a vida é música, e ambas precisam de paixão.

“Quando como, como ladino”, explica. Yasmin Levy canta como quem come, como quem bebe, como quem ama. É a única forma de a voz ter poder para atravessar almas alheias. Fica feliz, se em cada concerto, houver pelo menos uma pessoa que decore a palavra de forma insistente: “Ladino, ladino, ladino...” Se alguém for para casa a trautear uma das canções em ladino mais famosas que Levy ensina à audiência: “Adio, adio kerida / No kero la vida / me l’amargates tu.”

Havia um tempo em que as mulheres cantavam as mulheres que não podiam ser destemidas, aventureiras, apaixonadas. Yasmin Levy podia ser a heroína das canções que canta. ●



INTERIOR DA  
SINAGOGA  
PORTUGUESA E  
ESPANHOLA,  
BEVIS MARKS

Frank deveria chamar-se Nunes Martinez, mas o avô, sensatamente, decidiu adaptar o nome para uma sonoridade mais inglesa num tempo em que um nome hispânico poderia trazer confusões. Decorria a guerra civil espanhola e muitos ingleses partiam para combater nos dois lados.

Na década de 1690, diz imediatamente Frank Martin, mal se senta no café no quinto andar da livraria Waterstone's, em Picadilly. É o mais longe que consegue seguir a família. Foi quando chegaram a Inglaterra. Ainda a sinagoga funcionava numa rua por detrás de Bevis Marks, na zona onde vivia António Fernandes Carvalho, o primeiro líder da comunidade, e outros marranos, que, antes de 1656, se juntavam secretamente.

As filhas de Frank têm pena, porque preferiam ter um nome ligeiramente exótico, um nome que se distinga da maioria. Talvez seja um sinal da mudança de tempos, em que já não é preciso esconder as diferenças. E talvez esteja na moda, comenta Martin, interessar-se pelas raízes. “É preciso saber de onde se vem para saber para onde se vai”, observa.

Um nome tem ressonância. Abraham da Costa é um nome fechado numa vitrine. Há muitos outros nomes no Museu Judeu de Londres: de pessoas, de cidades, e de momentos da história portuguesa. Há o nome de Menasseh ben Israel — líder espiritual da forte comunidade marrana da Holanda (onde se instalaram muitos dos judeus fugidos de Portugal, da Inquisição) — que nasceu com o nome de Manuel Dias Soeiro, na Madeira. Numa gravura, leva uma mão ao peito e a outra estende a Oliver Cromwell. Com esse gesto, em 1655, Menasseh ben Israel abriu caminho, ou as men-

talidades, para a readmissão de 1656. Quando um marrano em Londres foi preso por ser católico — a Inglaterra protestante estava em guerra com Espanha católica — e se confessou judeu, o caso demonstrou que legalmente não se podia impedir um judeu de viver e praticar a sua religião no país.

O nome de Abraham da Costa prende como um íman, porque é um nome com rosto. Foi pintado pela mãe, Catherine da Costa (1678-1756), a primeira artista judia em Inglaterra. Abraham da Costa é um rapazinho de 10 anos que olha melancólico como um crescido. Um olhar com um nome que faz eco, provoca afecto. Às vezes, basta um nome. Basta um nome para alguém que se acabou de conhecer, como Louis Lopes Dias, se despedir com afeição: convidando uma desconhecida para a família. ●

## **Adio Kerida**

*Ladino is becoming a dead language, but there are people who try to keep it alive.*

*You don't have to speak it, you can sing it, like Yasmin Levy*

by Susana Moreira Marques

published in Pública, magazine of Portuguese newspaper Público, December 2006

Translated from Portuguese to English by Susana Moreira Marques and László Fecske

Ladino is dying; Ladino is fashionable – there's no mistake here. It's a language setting and rising.

Once upon a time in Jerusalem, the Spaniard Miguel Ángel Nieto got lost and approached an old lady for directions. Nieto recounts in an interview to an online magazine (Televisio) that the woman spoke to him in what sounded like a 'strange' Spanish: 'You're from Sefarad, aren't you?' Nieto knew that 'Sefarad' was Hebrew for Spain, so he answered: 'Yes, I'm from Sefarad. You too?' The woman replied: 'No, not me, my ancestors.' Nieto couldn't let go of this language that sounded like Spanish but wasn't Spanish. More than 10 years later he would shoot a documentary and call it 'El último Sefardí' (2003) – 'The last Sephardic'. The lady speaking the 'strange' Spanish was a last Sephardic, one to carry the language in the lips like a skin and not a lipstick that you put on but then wipe off. She was part of a generation that was rocked in the cradle to the sound of Ladino, and to whom Ladino is the day-to-day. A generation that is dying and that will bury with them a language that survived for more than 500 years, since Jews were expelled from Spain, by Ferdinand and Isabel, 'the Catholic Kings', in 1492.

Once upon a time in Seville Yasmin Levy, Israeli singer, was surprised to find out that the neighborhood where she went to study flamenco was called La Judería – the Jewish quarter. Maybe it was meant to be, she had to walk in the area behind the flamenco school and discovered a street which bears her family name: Levy. Yasmin Levy's life is made of coincidence, that's why she doesn't believe in it. Dreams are different. Before becoming a singer, she dreamt of becoming a vet. After becoming a singer, she dreamt of rebelling against her own history. Dreams can be undone. Destiny

can not. Yasmin Levy's Ladino is like lipstick, but one red like the blood running in her veins. She doesn't speak Ladino every day, but each time she sings it, it's like wearing a make-up that shows her at her most beautiful. She doesn't speak Ladino daily, because her father, Isaac Levy, died when she was one year old. He left her many hours of tape with traditional Ladino songs sung by people from Ladino communities everywhere across the Mediterranean: Turkey, for example, where he was originally from. In that street in Seville, Yasmin Levy realized that she had to treasure all those hours of recordings. We all end up like our parents – Isaac Levy had devoted his entire life to the preservation of Ladino music.

The second album of Yasmin Levy is called *La Judería*, and in it, using Flamenco influences, Yasmin Levy brings Ladino back to its birthplace: Spain. Yasmin Levy likes to see it as a musical reconciliation, but not many in Israel would agree. Most think Ladino should be sung properly, that is, as it has always been sung.

To stand still is to die – Yasmin Levy makes Ladino travel, and to travel is its nature. If someone would make a documentary about Yasmin Levy, maybe they could call it 'the first Sephardic'. She is the first of a new generation with whom Ladino is being reborn.

One day Mor Karbasi heard Ladino music and fell in love. Maybe it happened because, as her grandfather used to say, 'blood doesn't forget', and Mor Karbasi, who is 20, and an Israeli with Moroccan origins, believes her ancestors spoke Ladino; or maybe it happened simply because pop doesn't make you cry.

It is broad day light and the stage is set in Trafalgar Square, in London, to commemorate the 350<sup>th</sup> anniversary of the readmission of the Jews to England. Mor Karbasi does not need the night to come, she brings it with her voice. She sings an original song, written in Ladino, dedicated to the Jews who died in the Holocaust, especially, to the Sephardic communities with whom Ladino almost disappeared entirely from some regions, such as Thessalonica. 'Judía' – the feeling conjured is darker than the night – 'Judía, será tu nombre' ('Jewess, It will be your name').

My language is my homeland – when being told this idea created by Fernando Pessoa, Portuguese poet, Yasmin Levy opens her eyes wide – 'Uau, uau!', and she pauses for that measure of silence one reserves for revelations.

The album *La Judería* doesn't open with a Ladino song, but with a gypsy one: 'Nací en Álamo' ('Born in Álamo'). When hearing the first lines we are 'on the road', a sentiment which is shared with Ladino: 'No tengo lugar / Y no tengo paisaje / Yo menos tengo pátria...' ('I have no place / And I have no landscapes / I have no homeland')

Ladino is a language without a homeland, which, like a sponge, absorbed bits and pieces from the countries where Spanish Jews dispersed. Some went East – the Balkans, Greece, Turkey... Some went South to North Africa. Ladino's homeland has not existed for 500 years. It's not Spain – it's something that has been lost, a 'Sefarad' where Jews, Muslims and Catholics lived together. That's why the word 'Sefarad' has such a mythical resonance.

'Where is the key that was in the drawer?' - asks the poem 'The Key of Spain' (1984), by Flory Jogada, one of the most important figures of Ladino - 'My forefathers brought it with great love. / They gave it to their grandchildren for them to / keep it in the drawer / Dreams of Spain.'

There is a myth of keys that the Sephardic Jews took with them. If there is a key, then that key is Ladino itself. Ladino opens the door. Ladino might not be homeland, but it is home, it is intimacy. That's why in Yasmin Levy's concerts it always feels like someone has opened the door wide open. 'Welcome' – Yasmin Levy explains the feeling she likes to convey in her performances – 'Welcome to my home, to my "patio"'. In this home, she sings as if she was talking to her father or her grandmother, who were both Ladino speakers. On this patio, the sky is always bright with stars, it is always evening, an evening you wish not to end, an evening good for stories.

Yasmin Levy awaits the right measure of silence. Her songs demand a pause like that. She waits for the end of the echo in the church of Union Chapel, in London, and she starts the next song with a story. Without the story, she says, 'it would be just a pretty song'.

'For a woman it was shameful to sing in public' – Yasmin Levy tells all this in a tender voice, as if by the fireplace. Women would sing at home while cooking, daughters would listen, would learn. Sitting down, Yasmin Levy holds a pot between her legs. The musicians behind her don't even move. No instruments, no microphone, there's only Yasmin Levy's voice and that metallic rhythm.

The saying that 'passion becomes love' does not apply to Yasmin Levy. 'From here' – she presses her hand against her belly, that's where it's born. That's why music and life are inseparable. Yasmin Levy confesses she sings when she's in the shower. Actually, she sings all the time. Her husband is also her musician. Music is life, life is music, and both want passion.

'When I eat, I eat Ladino', she says. Yasmin Levy sings as if she was eating, drinking, loving. She is happy if, at each concert, at least one person learns by heart this word: 'Ladino'; or if someone goes home humming a famous Ladino song that Yasmin Levy teaches to her audiences: 'Adio, adio kerida / No kero la vida / ma l'amargates tu'. ('Goodbye, goodbye dear / I no longer want life / you made it bitter for me')

There was a time when women sang about the women they could not be: daring, and passionate. Yasmin Levy could be the heroin of the Ladino songs she sings.